

A Psicanálise no Século XXI

Vera Lúcia Veiga Santana

A psicanálise nasce em um momento histórico de grande efervescência. Na sua trajetória, ela tem se confrontado com uma permanente mudança nos valores e tradição da sociedade, apoiada e exacerbada pelos meios de comunicação de massa que gera desequilíbrio e instabilidade em todos os setores, com repercussão direta na posição do falasser, alterando, sobretudo o seu modo de expressar o sofrimento e/ou a dor de existir.

A psicanálise como práxis não é concebida como um elo natural entre o homem e a comunidade, como soe acontecer com outros campos de atuação. Além disso, ela não se apresenta como móbil de atração para uma mídia a quem se pode outorgar o imperativo da novidade e que em seu múltiplo e diversificado desempenho, provoca a emergência generalizada e pública do denominado imperativo de gozo do superego freudiano, levando a sociedade a navegar em um verdadeiro oceano de gozo.

Essa constatação conduz a psicanálise à necessidade de driblar a mídia e indicar ela mesma o seu endereço para as epidemias sintomáticas contemporâneas visto que a psicanálise continua e continuará fora desse âmbito de interesse, com as suas produções teóricas e seus resultados práticos.

Se nos reportarmos à década de 1950, quando Lacan elabora o famoso “Discurso de Roma”, (1) podemos registrar a importância que ele atribui ao desejo como contraponto ao gozo desenfreado que já começa a despontar. Ele sinaliza a relevância de liberar a fala do sujeito para introduzi-lo na linguagem do seu desejo, que se

apresenta nas entrelinhas do discurso e à sua revelia.

Dez anos depois (2) ele irá realçar a questão do desejo propondo a necessidade de uma prática sustentada na sessão curta interrompida, para captar na contingência do corte significativo a emergência desse desejo, visto que “a linguagem capta o desejo no ponto exato em que ele se humaniza, fazendo-se reconhecer como peculiar ao sujeito”. (3).

Não se pode minimizar a influência da psicanálise no contexto histórico, pelo fato de que a linguagem envolve a vida do homem desde o engendrar do encontro dos que irá gerá-lo, até o seu nascimento, a condução de sua vida, as relações de parentesco, as escolhas em geral e a própria morte. (4)

Ao tempo em que a cultura avança com a subjetividade criadora desse mesmo homem que luta para renovar o poder dos símbolos na troca humana que os trás à baila. E essa subjetividade vai ser revelada em diferentes campos que irão impulsionar o conjunto do movimento humano. Mais uma vez Lacan antecipa-se e adverte ao profetizar na primeira metade do século XX: “que antes renuncie a ser psicanalista quem não consegue alcançar em seu horizonte a subjetividade da época. É preciso saber da dialética que compromete a vida do sujeito nesse movimento simbólico. Que conheça a sua função de intérprete na discórdia da linguagem”. (5).

Como se constata, desde sempre se fez necessário o testemunho do analista no consultório e alhures, porém hoje, mais do que antes, é fundamental fazer uso do significante mestre para facilitar a interlocução e poder responder à altura aos impasses da civilização.

A psicanálise no século XXI, não desconhece e nem negligencia as formações do inconsciente

freudiano, apenas visa renovar o sentido do sintoma para estar de acordo com a subjetividade da época. Ela toca o singular do sujeito, o que lhe é mais íntimo.

Mas o futuro da humanidade não depende apenas da psicanálise, e revelações como a de Riane Eisler (6) em seu estudo sério, rigoroso, investigativo, prevê a possibilidade de mudanças fundamentais no mundo, originadas na reflexão e no amor, que para ela “configuram o ético a partir da aceitação do outro”. (7) Para a psicanálise essa é uma questão essencial que foi sinalizada por Freud quando debitou ao amor a responsabilidade pelo surgimento da civilização, (8) e mais tarde Lacan a introduziu no seio da operação analítica anunciando: “só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo” (9). Mesmo assim, a psicanálise não desconhece o fato de que a rivalidade e a agressividade se presentifica no ser humano desde a primeira relação que o falasser estabelece com o Outro, e Freud acentua, que o homem é essencialmente agressivo. Mas Eisler faz notar que a agressão, a competição, a luta, o controle, a dominação recrudesceram a partir da cultura patriarcal, como elemento comum à estrutura dos sistemas sociais e ideológicos onde a regra foi a dominação masculina.

Nessa mesma direção segue Fritjof Capra (10) quando elege a cultura patriarcal como a responsável pela concepção rígida da natureza humana que supunha que todos os homens fossem masculinos e todas as mulheres femininas distorcendo o significado desses termos ao conferir aos homens o papel de protagonistas e a maioria dos privilégios da sociedade.

Os movimentos filosóficos espirituais e políticos do final do século XX contrariavam a ênfase excessiva nas atitudes e valores do sujeito masculino, e mostravam que a profunda crise mundial de dimensões intelectuais, morais e espirituais,

levariam o mundo a uma grande transição com transformações nas estruturas sociais e políticas, e a tentativa de restabelecer o equilíbrio entre os aspectos masculinos e femininos da natureza humana.

A transição primeira e mais profunda seria o lento, mas inevitável declínio do patriarcado, impulsionado pelo movimento feminista considerado uma das mais fortes correntes culturais dos últimos tempos.

Essa agitação feminista que nasce no século XX, tenta restabelecer para a mulher uma posição que já havia sido vivenciada por ela há milênios, como uma tentativa a mais de sair da devastação que a organização androcêntrica (11), insiste em preservar.

Também no interior da psicanálise se constata essa passagem que vem sendo vivenciada desde então com o abalo da função paterna, a perda dos ideais e o sintoma mudo paralisado pelo curto-circuito da satisfação imediata.

Mas para Miller, o fenômeno mais profundo do século XXI é a aspiração à feminilidade. O recuo da ordem viril foi provocado pelas ondas de protestos femininos, por suas resistências e desordens, gerando mudanças na organização da vida cotidiana do ser falante, na baliza representada pela função fálica, cuja significação imprime um sentido e uma orientação ao falasser impedindo “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito”.(12)

O encontro com um analista poderá reintroduzir o sujeito no um a um e em sua singularidade, e nessa mesma dimensão introduzi-lo no marco social e institucional para assegurar-lhe as condições de abordagem clínica.

Esse laço que se estabelece entre analisante e analista escapa da pertinência estritamente terapêutica, razão porque em 1954, Lacan retira a palavra tratamento da prática psicanalítica e a

substitui pelo termo experiência subjetiva.

Antes de Lacan a psicanálise estava desdobrada entre experiência como terapêutica, com a finalidade de cura e a experiência como didática, com a finalidade de formação. Ele vai reunificar essas duas vertentes e a palavra experiência passa a qualificar um processo único de tratamento e formação. (13)

A prática da psicanálise hoje, como sinaliza Miller, comporta outras conseqüências que convergem sobre a fantasia do sujeito que se analisa e que se sedimenta no Passe, dispositivo analítico que permite ao sujeito discorrer sobre o seu final de análise mostrando os impasses e as soluções que ele encontrou no decorrer do processo e as mudanças acarretadas e lidas pelo próprio sujeito nesse percurso designado inicialmente por Lacan como: “travessia de um impasse constitutivo do sujeito”. (14)

Ainda com Miller podemos dizer: “não há clínica do sujeito sem clínica da cultura, considerando que cada época vive a pulsão a seu modo” (15). Podemos encerrar com o veredicto de que em pleno século XXI a psicanálise continua a sua luta mantendo-se firme no propósito de não se vincular a nenhuma Instituição formal que possa desviá-la do seu fundamento e de sua prática, para poder de modo seguro enfrentar a insuficiência e a precariedade do simbólico.

Referências

- 1) Lacan, Jacques – (1998[965-1966]). “Função e Campo da Fala e da linguagem em psicanálise” In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 237.
- 2) _____ – (1964) - O Seminário, Livro 11 – “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Rio de Janeiro - Ed Jorge Zahar .
- 3) _____(1998[965-1966]). “Função e Campo da Fala e da linguagem em psicanálise” In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,p. 294-295.
- 4) _____(1998[965-1966]). “Função e Campo da Fala e da linguagem em psicanálise” In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,p. 320.
- 5) _____(1998[965-1966]). “Função e Campo da Fala e da linguagem em psicanálise” In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,p. 322.
- 6) Eisler, Riane, “O cálice e s espada”
- 7) _____, “O cálice e s espada”
- 8) Freud, S. – “O mal estar na civilização” (1930-1929) – Vol. XXI, Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud.
- 9) Lacan, Jacques - O Seminário, Livro 10, A angústia”, Rio de Janeiro - Jorge Zahar Ed .
- 10) Capra, Fritjof – “O Ponto de Mutação” – A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente, São Paulo – Editora Cultrix, 1982.
- 11) Androcentrismo, neologismo proposto por Riane Eisler no seu livro: “O cálice e a espada”, para substituir o termo patriarcado.
- 12) Lacan, Jacques - “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 565.
- 13) MILLER - J.A. “Orientação lacaniana” III, 13, Terceira Lição do Curso (Fevereiro de 2011).
- 14) _____ “Orientação lacaniana” III, 13,

Terceira Lição do Curso (Fevereiro de 2011).

15) _____ “O Osso de uma Análise”

– Texto do Seminário Estabelecido por Sonia Vicente-Biblioteca-agente. Revista da EBP-BA, 1998.